

Educação musical infantil: relatos sobre vivências no estágio supervisionado

Ediel Rocha de Sousa
Universidade Federal do Pará
edielsousa@gmail.com

Lana Luísa da Silva Aragão
Universidade Federal do Pará
aragaolana715@gmail.com

Comunicação

Resumo: Este artigo relata diversas vivências durante o Estágio II de discentes do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Pará na Escola de Aplicação da mesma Universidade em turmas do Pré I e II (4 a 6 anos). Foram utilizados como parâmetros para análise das atividades o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) e os Quatro Pilares da Educação, desenvolvidos e coordenado por Jacques Delors (2003). As experiências relatadas poderão servir de ideias para futuras atividades, assim como promover uma prática reflexiva sobre o conteúdo e metodologias empregadas em turmas de educação musical infantil.

Palavras chave: Educação musical. Educação infantil. Estágio supervisionado.

Introdução

O ensino da música na Educação Infantil traz inúmeros benefícios para o desenvolvimento das crianças, além da aprendizagem exclusivamente musical. Aspectos como a expressão, a criatividade e a cooperação são trabalhados, permitindo que as crianças utilizem a música para ter um melhor conhecimento do próprio corpo e do espaço em que estão inseridas. A formação humana dos alunos também é desenvolvida, através de atividades nas quais eles precisam cooperar com o grupo, respeitando tanto os colegas quanto o professor, transformando a aula de música em uma ferramenta eficaz de transformação social (SOUZA; JOLY, 2010).

Sobre a importância da música, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) alega que:

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. (BRASIL, 1998, p. 45).

Ao elaborar as atividades direcionadas ao público infantil, o professor deverá possuir um bom planejamento, estando atento à faixa etária, quantidade de aulas semanais, carga horária e, principalmente, às especificidades de cada turma, que podem ainda agregar crianças com algum tipo de deficiência física ou intelectual (SASSAKI, 2002). De forma criativa, o profissional precisa elaborar atividades para que as crianças “possam construir algo novo e realizar experiências que aumentem sua visão do mundo, colaborando, assim, para a formação da sua identidade e autonomia” (GOHN; STAVRACAS, 2010, p. 86).

Estar sensível à receptividade das crianças é algo importante. Algumas atividades quando colocadas em prática não capturam a atenção necessária das crianças, necessitando de uma flexibilidade do professor para alterar seu planejamento inicial. Vale ressaltar que uma mesma atividade para turmas com a mesma idade pode ter resultados completamente diferentes, afinal, cada criança traz consigo experiências e vivências próprias.

Alguns parâmetros que podem auxiliar no desenvolvimento das atividades e consequentemente das crianças, são os quatro pilares da educação, desenvolvidos pela UNESCO sob coordenação de Jacques Delors (2003). Estudar os pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, orientam o professor para que em suas aulas não se ensine apenas o conteúdo musical, mas ensine a criança a relacionar a música com as outras áreas do conhecimento, trabalhar em equipe, ter compreensão do outro e agir com autonomia para poder desenvolver suas potencialidades.

Outro direcionamento pode ser baseado na Teoria das Inteligências Múltiplas, desenvolvida pelo psicólogo e educador Howard Gardner, na qual defende a visão de que cada indivíduo pode desenvolver certas inteligências mais que as outras. Utiliza o conceito de que inteligência é a “capacidade de resolver problemas e de elaborar produtos” (GARDNER, 1995, p. 14). A Teoria das Inteligências Múltiplas classifica sete tipos de inteligências e a música figura como uma das inteligências. Na história da música ocidental, puderam-se observar indivíduos

como Mozart que notoriamente desenvolveram habilidades musicais de tal maneira, a ponto de ser estudada como uma inteligência única. Santos (2001) expõe algumas características de uma criança com inteligência musical, as quais seriam: batucar com as mãos, cantar, cantarolar, assobiar, escutar, assim como a capacidade de criar facilmente melodias e paródias.

Este relato refere-se à vivência do Estágio II do Curso de Licenciatura Plena em Música da Universidade Federal do Pará, que ocorreu nos meses de Janeiro a Março de 2017. O estágio foi realizado na Escola de Aplicação da UFPA em Belém (PA), nas aulas de música com as turmas Pré I e Pré II (4 a 6 anos) do ensino infantil de administração matutina, com turmas de 10 a 20 crianças. A Escola se encontra no Bairro da Terra Firme e contempla alunos de diversos bairros de Belém, região metropolitana e filhos de servidores e professores da UFPA. Abrange da Educação Infantil ao Ensino Médio, sendo campo de estágio para as diversas licenciaturas da instituição.

Vivências no estágio

Nas primeiras semanas, o professor iniciava as aulas sempre com três canções. A primeira de saudação “Bom dia vossa senhoria, mando um tiro tiro lá”, a segunda, cantiga “Samba le-lê” e por último, “Pastorzinho”. A cantiga “Samba Le-lê”, por ser fortemente rítmica, permitia que as crianças espontaneamente se movimentassem, sendo que em algumas situações, se levantavam e começavam a dançar demonstrando familiaridade com a canção. De maneira descontraída, elas acabavam se integrando ao universo sonoro proposto em sala de aula, não apenas cantando, mas dançando, tocando instrumentos de percussão ou simplesmente batendo palmas, reproduzindo por meio de expressões corporais o que estavam escutando, exteriorizando suas percepções (SOUZA; JOLY, 2010).

Em relação ao manuseio dos instrumentos, o professor orientava qual a forma mais adequada para se ter uma boa sonoridade e assim, trabalhar os diferentes timbres percussivos. Trabalhar com instrumentos de percussão pode contribuir para que as crianças tenham noções das influências africanas (tambor) e indígenas (maracas) na cultura musical brasileira (GOHN; STAVRACAS, 2010). Ao guardar os instrumentos, o professor solicitava para que as crianças

fossem uma após a outra e percebeu-se que além de obedecer ao comando, elas ajudavam espontaneamente os colegas que possuíam algum tipo de deficiência. Esta atitude se ajusta ao pilar da educação: *Aprender a conviver*, onde em várias situações, instintivamente as crianças agem de forma social e humana. (DELORS, 2003)

O professor solicitou aos estagiários que mostrassem novos instrumentos musicais para as crianças. Os instrumentos escolhidos foram os de domínio dos estagiários, a saber: viola de arco e flauta transversal. De forma sucinta e com o auxílio do professor para utilizar uma linguagem mais clara com as crianças, a viola foi apresentada sendo logo associada fisicamente ao violino, o que serviu de apoio para poder explicar alguns parâmetros do som. Por ter um registro mais grave e ser um pouco maior que o violino (instrumento já conhecido das crianças em uma visita à Escola de Música da UFPA (EMUFPA)). A viola permitiu uma melhor percepção dos registros graves e agudos, contribuindo para o desenvolvimento das percepções sensitivas e auditivas quanto aos parâmetros do som: altura e intensidade (GOHN; STAVRACAS, 2010).

Ao iniciar a apresentação da flauta transversal, a estagiária não falou apenas que tinha um novo instrumento para mostrar a eles, mas atraiu a atenção como se fosse contar um mistério, onde elas teriam de prestar muita atenção para que não perdessem um único detalhe. Durante a apresentação, ao piano, outro estagiário acompanhou a narrativa, e de acordo com a intensidade das falas, tocou melodias e acordes específicos, criando assim uma trilha sonora espontânea. Essa atividade possibilitou o desenvolvimento auditivo, de associação e imaginação. Fazendo analogia com o corpo humano, todas as partes da flauta foram apresentadas, e quando houve a execução, houve oportunidade de se trabalhar o timbre mais uma vez. Ao pegar uma flauta doce, algumas crianças comentaram que já haviam tocado e um aluno chegou a dizer, antes da explicação, que uma das diferenças entre as duas flautas, além da posição de tocar, era o mecanismo de chaves da flauta transversal e “buracos” (orifícios) da flauta doce. Como atividade de percepção relacionada ao timbre, impedindo a visão das crianças com um grande pano estampado, as estagiárias, cada qual com uma flauta (doce ou transversal) tocavam ora solo, ora em dueto, e as crianças precisavam reconhecer auditivamente qual ou quais flautas estavam sendo tocadas. Esta foi uma atividade bem-sucedida e divertida.

Utilizando um piano em sala de aula, o mesmo professor solicitou para que o estagiário tocasse alguma música que fosse de natureza desconhecida para as crianças. A música escolhida foi *Maple Leaf*, do gênero musical estadunidense *Rag Time*. Após tocar, o professor relacionou a influência afro no Brasil com o Samba e nos Estados Unidos com o Jazz, podendo apresentar um pouco de uma outra cultura e mostrando que há estilos musicais diferentes não apenas no Brasil, mas no mundo (CRISTOVÃO; WEINGÄRTNER, 2016).

O tema “Marchinhas” foi desenvolvido por conta do carnaval, uma vez que esta é uma manifestação de conteúdo musical significativo para o processo de assimilação da cultura musical brasileira (BRASIL, 1998). Foram apresentadas animações com vários temas de marchinhas, assim como vídeos de grupos instrumentais. Após a apreciação, o professor contextualizou historicamente, e cantou com as crianças, utilizando também os instrumentos de percussão. Foi proposto aos alunos que fizessem um clipe na sala de aula. Formaram-se então dois grupos (meninos e meninas) para as apresentações com a marchinha “Mamãe eu quero”. Ao realizar esta atividade de trabalho coletivo, o pilar da educação *Aprender a fazer* foi simultaneamente trabalhado com os pilares *Aprender a conviver* e *Aprender a ser*, uma vez que precisavam mesmo que de forma simplória, escolher caminhos e alternativas, marcando um grau de desenvolvimento humano diante das situações que a tarefa proporcionou (DELORS, 2003). Tanto a parte histórica quanto a musical, ministradas nas aulas, são importantes para que as crianças, ao terem contato com diversos estilos e gêneros musicais, possam desenvolver o próprio gosto musical.

Durante as aulas, o professor sempre levava algum desenho para poder relacionar o conteúdo musical com as artes visuais. Os momentos de pintar foram únicos, pois a cada dia, em cada turma, as crianças agiam de forma diferente. Em algumas ocasiões, as crianças cantavam as músicas ensinadas pelo professor enquanto pintavam, ou até mesmo, começavam a cantarolar outras canções aprendidas. Em algumas situações, além de cantar, as crianças criavam novas letras para as canções, rimando palavras aleatórias e até mesmo o nome dos próprios colegas, elaborando assim, pequenas paródias, que se atrela à atividade de composição, habilidade presente na inteligência musical (SANTOS, 2001). A imitação no meio infantil é algo que chama a atenção, porque não importa se a ação inicial é adequada ou não

para o contexto de sala de aula, basta apenas um começar que logo os outros começam a agir da mesma maneira.

A fim de possibilitar o contato das crianças com outras formações musicais, o Coro da Universidade Federal do Pará (CORUNÍ), do qual os estagiários são integrantes, realizou uma apresentação para todas as turmas do Pré I e II. Cerca de 90 crianças assistiram à apresentação que tinha em seu repertório músicas desconhecidas pelos alunos, mas como fator surpresa dentro da apresentação, executou-se as três canções citadas no início deste relato. Por conhecerem as canções, a interação do coro com as crianças ocorreu de forma espontânea. Pelo relato das crianças, professoras do ensino infantil e coristas, a experiência de trazer um grupo musical para o ambiente escolar dá um outro significado para as aulas de música.

Em visita ao prédio onde está alocado o Ensino Médio, o professor levou a turma para que pudessem observar pinturas/grafites feitas por outros alunos e durante o trajeto, um dos objetivos da atividade era a escuta dos sons, para que fosse promovida uma consciência sonora ambiental, exercício proposto pelo compositor e educador musical Raymond Murray Schafer (GIMENES, 2012).

A regência não é uma atividade muito trabalhada nas aulas de música, entretanto, foi uma das aulas onde as crianças mais puderam se expressar musicalmente (GARDNER, 1995). O professor trouxe um desenho animado onde um maestro, de forma descontraída, conduzia uma orquestra com pequenos trechos das obras de grandes músicos como Mozart, Beethoven, Brahms. Sendo expostas aos diversos timbres encontrados no contexto orquestral, as crianças viram os aspectos referentes as diferentes estruturas dos instrumentos musicais e suas famílias: cordas, madeiras, metais e percussão (SOUZA; JOLY, 2010). Após o vídeo, o professor apresentou o instrumento do maestro, a batuta. Como o auxílio dos estagiários, foi mostrado o potencial de controle do maestro em relação aos músicos, alterando assim a intensidade e andamento, de acordo com a sua vontade. Ao chamar as crianças para regerem o pianista e logo após a própria turma, elas realizaram os movimentos corporais naturalmente, numa “integração entre gesto, som e movimento” (GOHN; STAVRACAS, 2010, p. 96).

A inteligência musical pode ser compreendida com uma sensibilidade maior de algumas crianças em relação a afinação, percepção rítmico-melódica e expressão (GARDNER,

1995). Por serem turmas pequenas (10 a 20 alunos), reconhecer as crianças com maior desenvolvimento se torna mais fácil. Em algumas situações, o professor permitia que as crianças explorassem à vontade os instrumentos musicais, a fim de que sua inteligência musical fosse trabalhada, buscando diferentes formas de produzir som. Pôde-se observar que, muitas vezes, o profissional tem uma visão limitada das possibilidades que um instrumento ou objeto pode contribuir em uma aula de música. Um violão, com cuidado, pode se tornar um instrumento percussivo. Estas atividades que a princípio parecem ser avulsas, permitem um crescimento musical significativo, uma vez que as crianças podem explorar e “brincar com os objetos sonoros que estão ao seu alcance, dar significado aos sons que antes estavam isolados, agrupando-os de forma que comecem a fazer sentido para ela” (SOUZA; JOLY, 2010, p. 98).

Crianças com deficiência intelectual

Serão relatadas duas situações relacionadas às crianças com deficiência intelectual. Ao serem incluídas desde cedo em uma turma heterogênea, não se observou nenhum tipo de discriminação. O respeito e compreensão é algo muito propagado dentro dos valores desta instituição de ensino, uma vez que seus professores, como ressalta Sasaki (2002), elaboram atividades que contemplem alunos com e sem algum tipo de deficiência. Além da professora, algumas crianças possuem um acompanhante específico, que fica em sala como um apoio para situações diversas.

No dia em que foram trabalhadas as marchinhas, com as duas turmas, enquanto as crianças pintavam, nós cantamos e também ligamos a televisão para tocar algumas marchinhas. Em uma das turmas, a acompanhante de uma criança diagnosticada com espectro autista solicitou que a televisão fosse desligada, para que a criança pudesse se concentrar. O pedido da acompanhante foi atendido e, então, não se cantou durante a atividade de pintura. Aconteceu que, ao final da aula, enquanto um dos estagiários tocava piano, esta criança foi imediatamente até o instrumento e ficou ouvindo a música até a hora de ir embora. Na semana seguinte, esta mesma criança começou a cantar trechos da marchinha “Mamãe eu Quero”, batendo palmas em sincronia perfeita. Foi uma surpresa tanto para o professor, estagiários, quanto para as

próprias crianças, que começaram a cantar junto com ele. Essa criança não havia pronunciado nenhuma palavra durante as aulas até então.

Outro episódio que demonstrou como o uso da música pode auxiliar o professor foi quando, durante o momento de desenho, uma criança começou a gritar na sala por conta da agitação natural das crianças. Imediatamente, o professor foi até ela e começou a cantarolar baixinho, o que a acalmou.

Situações para além da música

Durante uma atividade, foi solicitado que se pintasse uma pessoa. Uma criança pediu o lápis “cor de pele”, e então foi explicado que esse não é termo correto para se utilizar, pois cada pessoa possui um tom de pele diferente. A criança ainda não tem a concepção de que essa expressão reproduz racismo, então, apenas foi exposto que não era ideal usar aquele termo para determinada cor.

Uma menina que esteve sempre mal-humorada, determinado dia chegou dizendo que odiava o professor e que não iria prestar atenção na aula. Outras três garotas começaram a imitá-la. Como medida instantânea, o professor disse que se elas não quisessem participar da aula, que tudo bem, mas não era para atrapalhar, considerando que a situação poderia arriscar o desenvolvimento da aula. No decorrer das atividades, as outras voltaram a se integrar, enquanto a primeira continuou aborrecida. Essa atitude de indiferença da aluna causou um certo incômodo, portanto sugere-se que os professores e a direção busquem saber quais são os motivos que a levam a agir desta maneira.

Considerações Finais

Realizar o estágio na Educação Infantil da Escola de Aplicação da UFPA proporcionou um crescimento e amadurecimento como profissional na área de música. A necessidade de ter um estagiário durante todo o período letivo é importante. O professor muitas vezes mudou sua metodologia em sala de aula com a presença dos estagiários, uma vez que foi possível realizar atividades que sozinho, seria impossível executar.

A inclusão escolar é uma realidade nesta escola, entretanto, sabe-se que muitas escolas ainda não estão preparadas para receber alunos com necessidades específicas. Deve-se buscar literatura que diz respeito às peculiaridades de cada deficiência/transtorno quando se tem uma criança com tais características, para elaborar uma aula que seja adequada a eles também.

Em relação às diferenças entre as turmas, principalmente em relação à capacidade de concentração, pode estar relacionado diretamente às outras atividades escolares. As turmas que tinham a primeira aula às 8:20 da manhã, estavam mais atentas e dispostas para realizar às atividades, em contrapartida, ao retornarem da aula de educação física para a aula de música, se gastava muito tempo para que eles se acalmassem para desfrutar da aula. Uma alternativa seria mudar a forma de iniciar a aula com as crianças agitadas, com atividades rítmicas e percussão corporal, para que gradativamente a intensidade da atividade fosse diminuindo, até chegar ao ponto de concentração.

Sem dúvida, o professor é uma das referências que as crianças têm ao longo de sua vida escolar. A experiência de observar e colaborar com um professor ajudou a perceber como se deve tratar as crianças, cada uma como um indivíduo e não apenas um aglomerado de crianças. Estar em contato com tantas crianças em um ambiente escolar é uma grande vivência, e sem dúvida, contribui grandemente para a vida acadêmica de qualquer acadêmico.

Por fim, poder relacionar as experiências vividas no Estágio II com os conhecimentos adquiridos no decorrer do curso de Licenciatura em Música, dá um novo significado às teorias estudadas nas áreas de educação musical, psicologia, métodos e técnicas de ensino da música, etnomusicologia, dentre muitas outras. A realização desse estágio forneceu uma base para que os discentes tenham melhor desenvoltura nos próximos estágios, onde terão que elaborar e realizar as próprias atividades, além de contribuir para a pesquisa em música, haja vista que essas experiências proporcionam um pensamento crítico-reflexivo sobre o ensino de música na atualidade.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental, (1998). *Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil*. Brasília: MEC/SEF, v. 3.

CRISTOVÃO, Andrey; WEINGÄRTNER, Daniela. A composição musical como ferramenta pedagógica: relatos sobre a prática de Estágio. In: XXVI ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA, 26, 2016. *Anais*. Belo Horizonte: ANPPOM, 2016.

DELORS, Jaques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 2ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2003.

GARDNER, Howard. *Inteligências múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIMENES, Helena Yaedu. *Os Estudos De Schafer e Swanwick Na Realidade Brasileira*. Fórum de Práticas de Ensino de Música. Maringá, 2012.

GOHN, Maria da Glória; STAVRACAS, Isa. O Papel da Música na Educação Infantil. *EccoS Revista Científica*, vol. 12, núm. 2, julho-dezembro, p. 85-103, 2010.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. *Revista Nacional de Reabilitação*, São Paulo, ano 5, n. 24, jan./fev. p. 6-9, 2002.

SOUZA, Carlos Eduardo de; JOLY, Maria Carolina Leme. A importância do ensino musical na educação infantil. *Cadernos da Pedagogia*. São Carlos, Ano 4 v. 4 n. 7, , jan -jun p. 96 – 110, 2010.

UNESCO. *Learning: the treasure within; report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twentyfirst Century (highlights)*. Tradução de TEIXEIRA, G. J. F. Paris: UNESCO, 1996.